

ESPAÇO AMPLO X ESPAÇO RESTRITO COMPREENDIDO ATRAVES DA IGREJA DA LUZ DE TADAO ANDO

OLIVEIRA, Raiandra Victória Werlang¹
DALLAGNOLO, Brunna Karolaine Martins²
OLIVEIRA, Cintia Maria³
VICENTINI, Márcia Aparecida⁴
SIMONI, Tainã Lopes⁵

RESUMO

O trabalho que aqui se apresenta se objetiva através da análise da obra da Igreja da Luz, do arquiteto autodidata Tadao Ando, especificamente através da contextualização de alguns dos significados do espaço, condicionados através do eixo Amplo x Restrito e como o mesmo se vincula a sua obra. O mesmo se engaja metodologicamente a revisão bibliográfica, com a obtenção dos resultados de que é através da luz que o arquiteto em questão consegue correlacionar o restrito ao desconhecido, quando em sua obra a imersão da luz toma papel de protagonista o mesmo alcança uma fusão entre os eixos organizadores do espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço, Sentido, Igreja da Luz, Tadao Ando, Amplo, Restrito.

AMPLE SPACE X RESTRICTED SPACE UNDERSTOOD BY THE CHURCH OF THE LIGHT TADAO ANDO

ABSTRACT

The work that is presented if the objective through the analysis of the work of the Church of the Light, the architect self-taught Tadao Ando, specifically through the contextualization of some of the meanings of the space, conditioned through the axis Wide x Restricted and how the same links to his work. The same engages methodologically the literature review, with the results that it is through light that the architect in question is unable to correlate the modal to the unknown, when in his work the immersion of the light takes the role of protagonist of the same amounted to a merger between the axes of the organizers of the space.

KEYWORDS: Space, Sense, Church of Light, Tadao Ando, Broad, Restricted.

¹ Aluna do oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: raiandravictoria@gmail.com

² Aluna do oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: brunnad_2009@hotmail.com

³ Aluna do oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: cintia_maiara_oliveira@hotmail.com

⁴ Aluna do oitavo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: marciavicentini_@live.com

⁵ Arquiteta e Urbanista. Professora do Centro Universitário FAG e da Faculdade Dom Bosco. E-mail: tai_lopes@fag.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado busca compreender de como é possível interpretar a relação entre o homem e o espaço através das acepções dos eixos organizadores do sentido Amplo X Restrito, tendo como abordagem a Igreja da Luz? Na busca pela dissolução de tal questão, adotou-se como objetivo geral a análise direta das interpretações do espaço diante da obra da Igreja da Luz, do arquiteto autodidata Tadao Ando tendo ainda como objetivos específicos a contextualização dos significados de espaço, análise do eixo Amplo X Restrito, breve biografia do arquiteto, apresentação da obra foco dentro deste trabalho vinculando-se diretamente ao eixo organizador ao qual aqui é apresentado.

A busca pelo significado do sentido do espaço desperta em vários autores, diferentes definições, porém Coelho Netto (1999) nos apresenta uma ampla estrutura que se torna capaz de definir com maior clareza tais acepções, o mesmo ainda os intitula de eixos organizadores do sentido do espaço, sendo assim a pesquisa aqui apresentada busca compreender qual é a relação e experiência estabelecida entre o homem e o espaço arquitetural, atrelando-se diretamente a uma obra considerada o ícone da expressão do arquiteto autodidata Tadao Ando.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SENTIDO DO ESPAÇO, O AMPLO X RESTRITO

Quando se busca compreender as acepções a cerca do espaço, a primeira condição a ser considerada é a forma com o que o mesmo se é delimitado através da edificação tendo por consequência assim a criação daquilo que é chamado de ambiente. Essa percepção primária limita-se a superficialidade de um primeiro pensamento, sendo assim o autor Zevi (1996) procura amplificar o sentido de espaço através do discurso exposto a seguir:

A experiência espacial própria da arquitetura prolonga-se na cidade, nas ruas e praças, nos becos e parques, nos estádios e jardins, onde quer que a obra do homem haja limitado 'vazios', isto é, tenha criado espaços fechados. Se no interior de um edifício o espaço é limitado por seis planos (por um soalho, um teto e quatro paredes), isto não significa que não seja igualmente espaço um vazio encerrado por cinco planos em vez de seis, como acontece num pátio ou numa praça (Zevi, 1996 p. 25).

Com o propósito de elucidar as questões voltadas ao sentido do espaço, o autor Coelho Netto (1999 p. 21) acaba por apresentar um caminho a se compreender sobre a produção do

mesmo, se atrelando as mais diversas áreas como a psicologia, sociologia e história; indagando que só a partir disso que “surge a questão de saber de que Espaço se trata, quais suas espécies, suas delimitações, para a seguir ser possível indagar de seus respectivos sentidos (operações estas, aliás, intimamente ligadas) ”, tendo assim como consequência a criação dos eixos organizadores do sentido do espaço. Sendo assim, o trabalho aqui apresentado se volta ao eixo Amplo X Restrito, que passa a ser definida pelo mesmo, da seguinte forma:

De início, a constatação primeira que vem à mente é a de que o Espaço Amplo está intimamente associado com o Espaço Exterior (o espaço amplo conduz para o exterior) e que o Espaço Restrito relaciona-se de modo particular com o Espaço Interior (e igualmente com o Espaço Privado e o Comum) [...] de um lado, a noção do espaço fechado como um espaço íntimo e um espaço de mistério, a se opor, de outra parte, ao mundo aberto, ao mundo exterior - ou, simplesmente, ao mundo (COELHO NETTO, 1999 p.62).

Afim de atribuir um significado para o homem em relação a oposição do Amplo X Restrito, o autor Coelho Netto (1992 p.63) indaga de que é a imaginação que constrói muros, isto é, a imaginação que protege o homem, o indivíduo é por outro lado, onde nenhum muro é verdadeiramente solido e capaz de impedir a imaginação de ter medo, de se sentir inseguro, exposto.

Existe toda uma mitologia do fechado, do estreito do escuro a conduzir às categorias do íntimo, do secreto e do mistério, e que é possivelmente bem mais extensa do que uma mitologia do amplo, do vasto, da imensidão. E talvez essa mitologia do restrito seja de qualquer modo bem mais praticada ao nível do real do que a da imensidão (COELHO NETTO, 1999 p.64).

2.2 A PSICOLÓGIA DOS ESPAÇOS

De acordo com o autor Soares (2009 p. 55), os primeiros reflexos que se tem em mente, quando se é imaginado a forma com que se formula os espaços é exemplificada pela ideia de que a parede então edificada protege o homem das ameaças do meio externo. Tal limite, expõe os princípios de estabelecer e cerrar o que é público do que é privado, compreendidos entre o fato de estar fora ou de estar dentro.

[...] uma forma construída é muito mais do que uma relação entre planos abertos e planos fechados que delimitam um espaço interior. Trata-se, portanto, de todo um conjunto de opções, relações e limites. Limites estes que tanto se podem afirmar e funcionar como um corte na relação entre interior e exterior, como se podem tornar

ambíguos onde interior e exterior se confundem (SOARES, 2009 p. 55).

Sendo assim, a reação mais recorrente é que o espaço externo é nocivo ao homem, e que desta forma o mesmo necessita de uma arquitetura fechada que evite as comunicações entre o interno, e quando as mesmas são feitas pela sua necessidade tornam-se pontos excepcionais de forma com que não seja possível romper a imagem de um volume único, maciço e resistente aos deletérios externos. Desta maneira, a arquitetura limitante a um certo conjunto de espaços é a tradução de uma fortaleza, uma vez que o ínvado que está ao interior de tal edificação manifesta nesse limite a ideia de máxima proteção. (SOARES, 2009 p. 59)

Num espaço criado por muros fechados, o indivíduo tem controlo de tudo o que o rodeia e que com ele interage. Apenas quem tem permissão de passagem para o interior protegido das fronteiras pode perceber o espaço, vivê-lo e relacionar-se com quem nele se encontra, caso contrário, permanecerá na ignorância e na vontade de desvendar o que se esconde para lá dos muros. Estas intervenções traduzem-se em atos isolados, de recolhimento, onde acima de tudo, os edifícios procuram sustentar-se unicamente na sua realidade interna, nos ambientes e espaço criados, rejeitando relações de maior com a sua envolvente, com a dinâmica de fluxos que lhe é exterior (SOARES, 2009 p. 61).

Deste modo, o movimento moderno veio em busca de uma ruptura da forma como se era produzido e moldado os espaços, abandonando as questões psicológicas entre o externo e interno, as quais foram apresentadas anteriormente. Como uma forma de elucidar tal processo, os itens a seguir expõem como os principais arquitetos modernistas aplicavam seus preceitos na produção do mesmo.

2.3 A RELAÇÃO DO MODERNISMO DE FRANK LLOYD WRIGHT COM O ESPAÇO.

Frank Lloyd Wright é um dos primeiros arquitetos a reproduzir uma arquitetura voltada a interpenetração dos espaços, e foi através da aplicação dos seus próprios preceitos que as paredes exteriores perdem a ideia de suporte da cobertura e passam a ser pura e simplesmente fechamento, as vezes em madeira ou alvenaria, ou transparente com a aplicação de janelas e portas em vidro. Ao tirar a função estrutural das paredes, as mesmas passam a adotar o sistema de pilares, por vezes em concreto ou aço, possibilitando assim uma maior flexibilidade das divisões internas, sendo capaz de integrar o exterior com o interior. Ao ter como parâmetro sua própria altura, de 174cm, Wright rebaixou o pé-direito e retirou o excesso de divisão dos ambientes, tendo como resultado uma planta mais livre, ressaltando as sensações interiores de

amplitude. As janelas perdem a função de ser apenas uma abertura em uma parede, e passa a ser elemento de integração do interno com o externo, sendo assim as janelas protagonizam papel principal dentro de tais acepções, não sendo mais meros buracos em uma parede, mas aberturas em uma superfície. (SOARES, 2009 p.25 e 27)

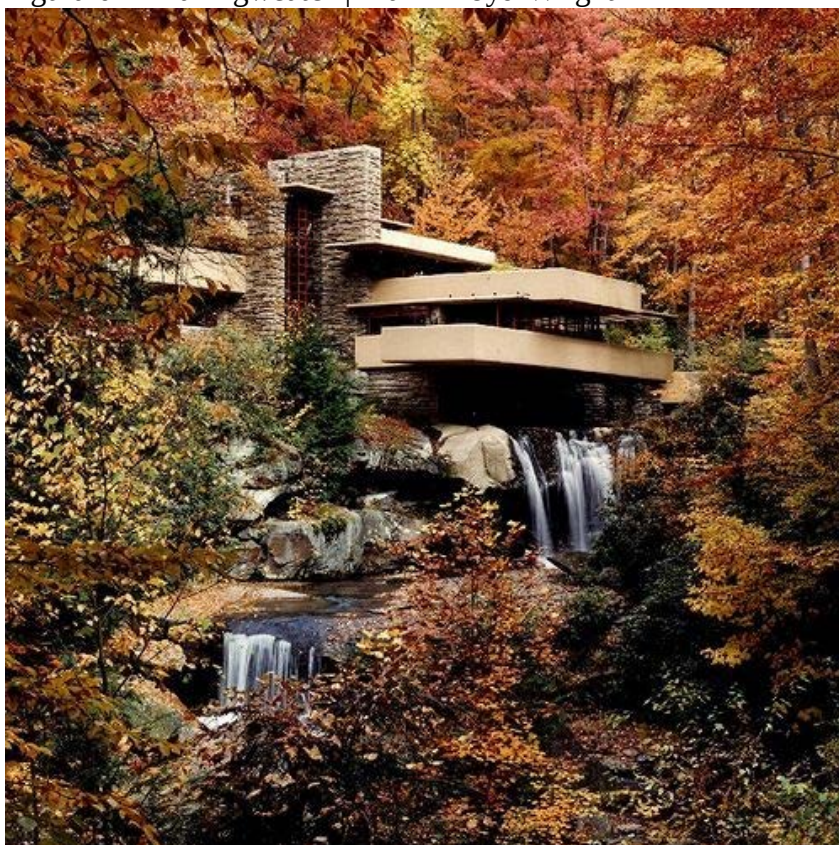
Sendo assim as janelas passam a ter outro significado, ao qual é apresentado pelo autor a seguir:

[...] outrora tão limitada entre exterior e interior desapareceu, surgindo um novo fluxo de um para o outro totalmente desejável. Todo este procedimento, esta libertação do interior para o exterior, deu significado à frase: o espaço interior tornou-se a realidade do edifício, não as paredes ou os tetos (PFEIFER, 1994 p. 11).

Nas obras de Wright, a inserção das janelas em sequência indica a tendência que estava por vir, denominada como pano de vidro. A Fallingwater (1935 – 39) ícone da arquitetura orgânica, tem como ponto alto a expressão de tal acepção, valorizando os panos de vidro, nessa residência o arquiteto busca atingir a transparência em sua totalidade. Nessa edificação fica clara o desejo de interpenetração do exterior com o interior, alcançada pela aplicação de grandes aberturas em vidro. O objetivo principal dessa residência é de posicionar o homem em relação a natureza, aspecto profundamente radicado como característica de Wright. (SOARES, 2009 p.29)

Onde quer que nos encontremos no interior da construção, a glória do ambiente envolvente é acentuada, trazida para dentro, e transformada num componente da vida diária. O andar principal fornece vistas em três direções, com terraços que conduzem a outros dois: um terraço abre-se para cima, e o outro projetasse sobre as rochas e cascatas. Cada quarto do nível superior possui o seu próprio terraço, e o estúdio e quarto- galeria num terceiro nível tem acesso, igualmente, para mais um terraço exterior (PFEIFER, 1994 p. 53).

Figura 01 – Fallingweater | Frank Lloyd Wright



Fonte: Adelyn Perez (2010).

Figura 02 – Interior da Fallingweater | Frank Lloyd Wright



Fonte: Adelyn Perez (2010).

2.4 LE CORBUSIER E O ESPAÇO ATRAVÉS DOS CINCO PONTOS PARA UMA NOVA ARQUITETURA.

“As janelas são como os “olhos” que permitem ver, viver e assimilar o exterior a partir do interior”. Tal definição elaborada pelo autor Soares (2009 p. 33) explana e enaltece como tal elemento arquitetônico passou a ser o protagonista da linguagem, do então exímio arquiteto Le Corbusier, a qual o mesmo nomeia de *fenêtre à longueur*, que em tradução livre do francês, significa janela comprida. A *fenêtre à longueur*, aparece como um dos principais pontos para uma nova arquitetura, que vieram influenciara diretamente a forma com que se passou a pensa e elaborar as relações do entre o externo e o interno.

A arquitetura moderna reproduz o sonho gótico no espaço, e, explorando acertadamente a nova técnica para realizar com extremo apego e audácia as suas intuições artísticas, estabelece com os amplos vitrais, que se tornaram agora paredes de vidro, o contato absoluto entre os espaços interior e exterior (ZEVI, 1996 p. 121).

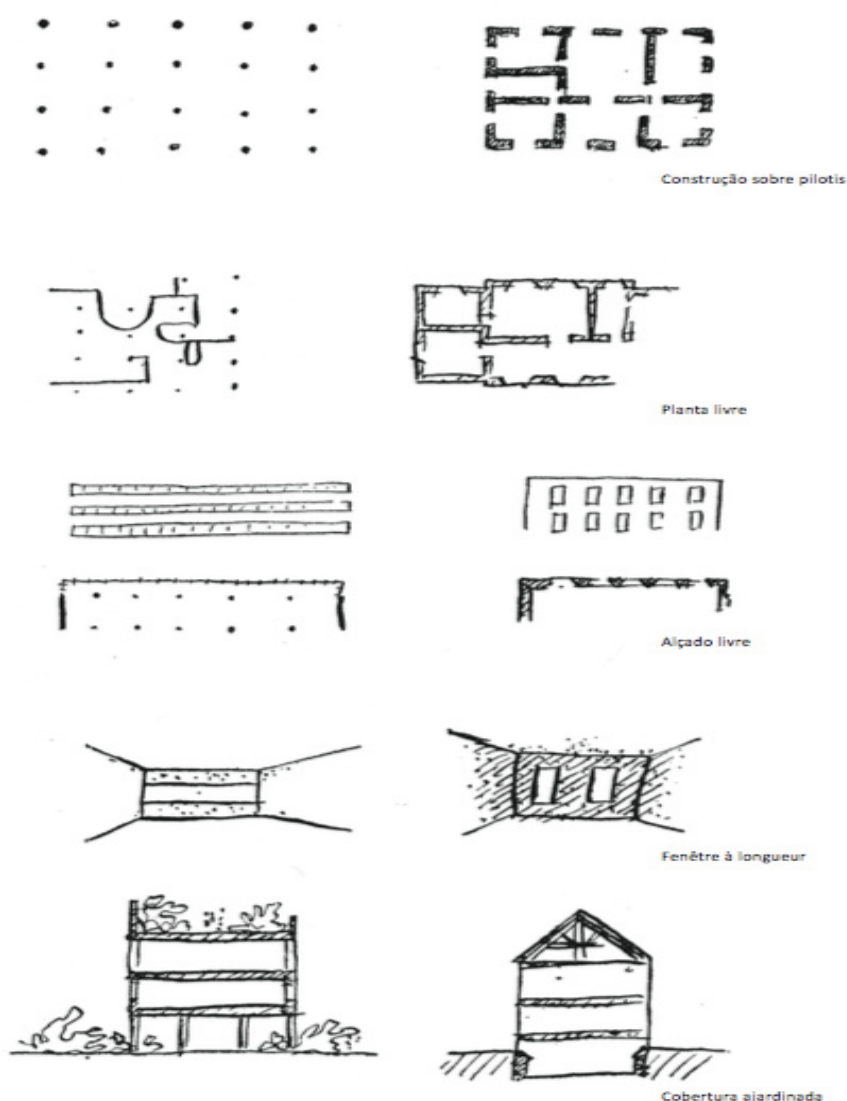
A ideia do espaço fluente se caracteriza como uma das maiores contribuições da então arquitetura moderna, como uma forma de direcionar a concepção da continuidade entre os espaços internos e externos. Sendo assim, as janelas que antes se caracterizavam como uma simples fenda em uma parede se ausentam e passam a ser interpretadas como interrupções locadas junto as fachadas, se tornando assim está, a mais alta expressão da continuidade e correlação dos espaços. Os “cinco pontos para uma nova arquitetura”, elaborados pelo arquiteto Le Corbusier, explicam as acepções de uma residência através da ideia de que a mesma seja uma ‘máquina de habitar’, tais medidas passam a redigir as expressões arquitetônicas, apresentando assim novas formas de diálogo entre as concepções dos espaços internos e externos. (SOARES, 2009 p. 37)

Le Corbusier revisa o papel da janela “[...] a ideia da janela será modificada. Até então a função da janela era a de prover luz ar e olhar por ela. Nestas três classificadas funções eu redesenho unicamente uma: a de olhar por.” (CORBUSIER apud DOURADO, 2003 p. 73)

O primeiro ponto de caracteriza por meio da construção que se apoio em pilotis, as edificações possibilitam a liberação do solo ampliando a utilização do térreo que antes era ocupado, tal posicionamento em relação à altura, permite assim uma melhor associação visual do espaço interno, para o espaço que envolve a edificação. Subsequente a planta livre é a resposta a forma com que as estruturas se desprenderam das paredes, e tal acepção permitiu as

edificações a terem grandes vãos, sendo assim, os espaços internos das residências passam a ser mais abertos, articulando-se aos espaços íntimos, as casas passam a ter um papel fundamental quanto a proximidade de seus moradores. Outro ponto, o vão livre, se define como produto resultante da modernização quanto as questões estruturais, permitindo com que as aberturas possam ser aplicadas ao seu máximo, da mesma forma concede uma maneira mais livre de se relacionar o interior com o exterior. A próxima acepção, as janelas em fita, presentes por toda a fachada da edificação, permite uma particular relação entre a natureza do entorno e a própria edificação, tal ponto consente com que o espaço interno receba mais iluminação externa e ainda possibilita o aumento do campo visual. E por último, as lajes jardins, que passam a substituir os telhados com inclinação ampliam o uso da edificação, prolongando os espaços externos e ainda servindo como uma área de lazer. (SOARES, 2009 p. 39)

Figura 03 – Ilustração dos cinco pontos para uma nova arquitetura de Le Corbusier



Fonte: Le Corbusier (1995).

2.5 CASA WALKER | PAUL RUDOLPH - 1953

Apesar da utilização cada vez mais frequente das paredes de vidro, tal material não consegue sozinho satisfazer a indispensabilidade de conforto que a vida moderna exige, surgindo assim, uma série de materiais com a finalidade de filtrar e proteger aquilo que se tornou o símbolo do modernismo, os grandes vãos translúcidos. Dentro dessa arquitetura surge então a necessidade de se fechar a casa como um volume único, porém também, atribuir aspectos de um modo mutável de edificação que se transforma conforme sua necessidade funcional. Dentro de tal contexto se encontra a Casa Walker, do arquiteto Paul Rudolph, contando com 24m² tal habitação surpreende a forma com que busca interagir os espaços externos com o interno. Sua planta se define através de modulações quadradas, que posteriormente são aplicados também a sua fachada, de estrutura metálica, toda a casa é elevado do terreno. O aspecto mais relevante de tal edificação fica a encargo das fachadas que contam com painéis que são utilizados para o fechamento, os mesmos podem ser elevados horizontalmente, criando assim a possibilidade de interação ou isolamento quando necessário. (SOARES, 2009 p. 87)

Quando os painéis estão fechados, a casa fica tão abrigada como uma caverna. Fica um volume puro, unificado, como que perdido no meio de uma floresta, pois encontra-se em redor de uma grande quantidade de árvores. Por outro lado, quando estes painéis estão abertos, o espaço converte-se num alpendre onde interior e exterior se confundem, onde a casa se abre para toda a natureza que a envolve, fazendo esta parte da habitação. Esta transformação espacial, susceptível de alterações psicológicas, foi uma constante na obra de Rudolph. (SOARES, 2009 p. 87)

Figura 04 – Casa Walker



Fonte: Zabalbeascoa(2011).

Figura 05 – Casa Walker



Fonte: Zabalbeascoa(2011).

2.6 IGREJA DA LUZ | TADAO ANDO - 1989

Tadao Ando, nascido em Osaka no dia 13 de setembro de 1941, de profissão foi pugilista, auditada por paixão se tornou arquiteto. Hoje, exímio exemplo do conceito minimalista se define através do seguinte discurso:

No meu caso, ser autodidata não foi uma escolha. É uma questão que envolve prós e contras. Hoje, eu diria que o aprendizado formal da arquitetura é o melhor caminho. Ter sido autodidata foi um excelente treino para lidar com a responsabilidade através do meu próprio esforço. Não tive ninguém para me ensinar; tive que conviver com a minha insegurança e o meu isolamento. Mas não nego que esse treino se tornou ferramenta preciosa para sobreviver aos desafios da vida em sociedade. (GARCIA, 2010 p. 122)

De influência, atribuí ícones como Louis Kahn, Mies, Wright e Alvar Alto, a Le Corbusier concede espaço fundamental que fica claro através do seu próprio discurso “encontrei num alfarrabista um livro sobre a obra completa de Le Corbusier. Copiei alguns dos seus desenhos, e diria que foi assim que comecei a interessar-me pela arquitectura”. (JODIDIO, 2004 p. 35)

Ao ser questionado sobre sua própria impressão, o mesmo revela ser Osaka, cidade que lhe doutrinou sobre o quão a vida pode ser dura, considerando de que é na vivência que se adquire a aprendizagem que posteriormente seria impressa em seus trabalhos. (ANDO *apud* AUPING, 2003, p. 57).

Seu primeiro e real contato com a arquitetura foi durante sua infância, morando em um bairro de operários teve a oportunidade de não somente de observar os trabalhos dos artesãos e carpinteiros, como também compreendeu como a cultura japonesa é circunda de personalidade, dignidade e confiança. Por ter nascido próximo ao final da Segunda Guerra Mundial, Ando cresceu a observar a intensa reconstrução japonesa (ANDO *apud* AUPING, 2003, p. 09).

A memória, essa memória vigorosa de algo que todos carregamos dentro de nós. Algo com o que nos deparamos, e que, por alguma razão, nunca esquecemos. Essas memórias nos inspiram a fazer certas coisas de uma certa maneira, a criar uma forma ou a escrever algo que a inteligência e o conhecimento por si mesmos não produziriam. (ANDO *apud* AUPING, 2003, p. 27)

Tadao Ando declara que suas obras sofrem influências diretas tradicionais da arquitetura japonesa, exemplificando que é através da manipulação das sombras que ele consegue recordar das memórias e das sensações que o acompanharam por toda sua vida. (DALCO, 2001, p.08)

De acordo com o autor Paiva (2010) a Igreja da Luz, foi projetada como pedido do Reverendo Nobor Karukome, o qual não impôs nenhuma restrição ao arquiteto quanto ao ponto de vista estético. A mesma se situa num subúrbio de residências e se constitui por 3 paralelepípedos, porém pequena em porte se estabelece através de uma metragem que não ultrapassa 113 metros quadrados.

Figura 06 – Interior Igreja da Luz



Fonte: Kroll (2011).

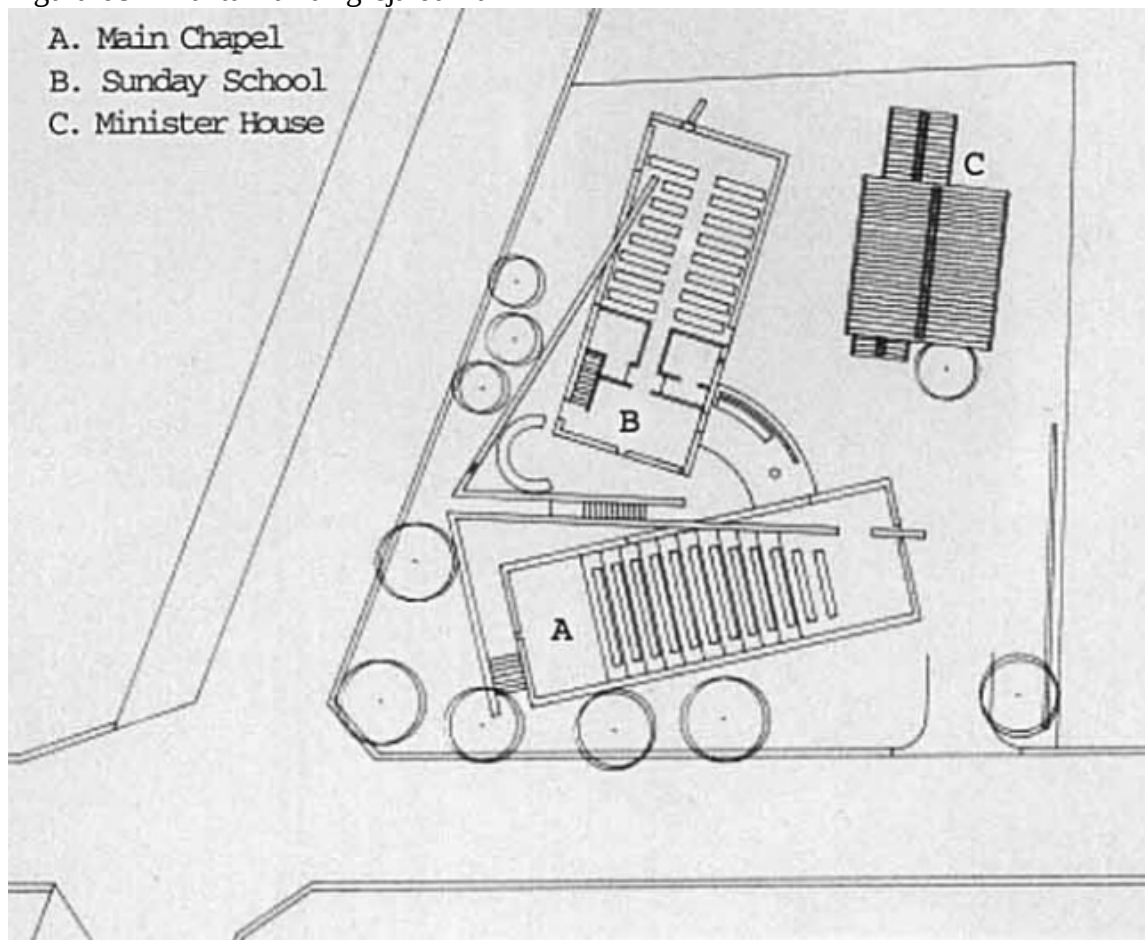
A Igreja da Luz, geométrica e simples consegue atingir uma experiência espacial elevada, atrelando-se ao pensamento minimalista e a fenomenologia, se torna o ícone de expressão do exímio arquiteto japonês Tadao Ando. No interior da obra, a imagem é de um espaço simples e implacável, obedecendo aos preceitos japoneses. O arquiteto costuma adotar materiais naturais, sendo assim a madeira aplicada na obra não é proposta de forma aleatória. O declive do solo se torna em uma das fortes características de tal edificação, ocasionando ao expectador uma forma de o direcionar até o altar, tal parede possui aberturas horizontais e verticais produzindo assim uma abertura em forma de cruz, o que faz com que a luz externa invada o espaço interno. (PAIVA, 2010 p. 71)

Figura 07 – Imagem externa Igreja da Luz



Fonte: Kroll (2011).

Figura 08 – Planta Baixa Igreja da Luz



Fonte: Furayama (1996).

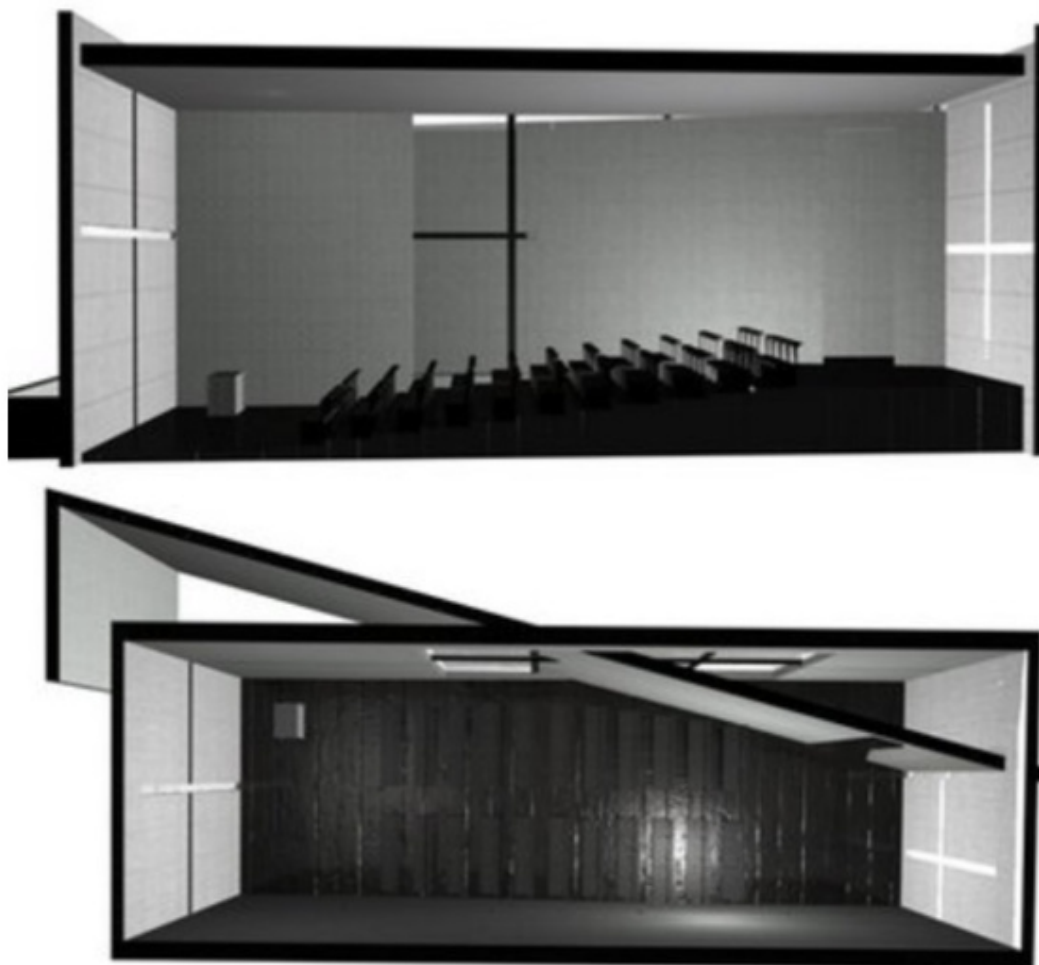
Ali, um corte na parede permite à luz penetrar, na condição de se submeter a restrições rigorosas, e um raio corta a obscuridade. As paredes, o pavimento e o tecto interceptam, cada um deles, a luz que revela a sua presença e específica, ressaltando, reflectida, de um para o outro, as complexas relações e dando assim vida ao espaço. A cada variação do ângulo de incidência da luz, a natureza das coisas e as suas relações recíprocas renovam-se, o espaço transformasse...A arquitectura deve conceber espaços cuja energia espiritual possa contribuir para libertar o homem das restrições da vida quotidiana, e a luz é que desperta a arquitectura para a vida e lhe molda o poder. (PAIVA, 2010 p. 74)

Afim de contrariar a tendência que veio junto com a arte moderna, de inferiorizar a obscuridade e o desconhecido, Ando acredita que tais aspectos são indispensáveis ao seu trabalho, e isso é refletido na obra da Igreja da Luz, onde o mesmo explica de que:

[...] embora atualmente tudo esteja envolvido por uma luz homogênea, a minha atenção é atraída pelas relações que subsistem entre luz e obscuridade; na obscuridade, a luz é como uma joia que se pode ter na mão...Imaginava um espaço assim desse género quando construí a igreja da luz, uma caixa fechada com paredes em Betão, uma “construção da obscuridade”. Ali, um corte na parede permite à luz penetrar, na condição de se submeter a restrições rigorosas, e um raio corta a obscuridade. As paredes, o pavimento e o teto interceptam, cada um deles, a luz que revela a sua

presença e específica, ressaltando, refletida, de um para o outro, as complexas relações e dando assim vida ao espaço. A cada variação do ângulo de incidência da luz, a natureza das coisas e as suas relações recíprocas renovam-se, o espaço transforma-se.. A arquitetura deve conceber espaços cuja energia espiritual possa contribuir para libertar o homem das restrições da vida quotidiana, e a luz é que desperta a arquitetura para a vida e lhe molda o poder. (ANDO *apud* DALCO, 2001 p. 471)

Figura 09 – Corte e Planta em perspectiva.



Fonte: Kroll (2011).

3. METODOLOGIA

O trabalho aqui apresentado se amparará através da revisão bibliográfica e do método comparativo, sendo assim Gerhardt e Silveira (2009) compreendem como uma revisão bibliográfica a forma de “expor resumidamente as principais ideias já discutidas por outros autores que tratam do problema, levantando críticas e duvidas, quando for o caso”.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Da análise feita a partir da obra Igreja da Luz, compreendeu-se que o arquiteto Tadao Ando atribui a luz como sendo seu grande protagonista, sendo que a mesma chega a carregar em seu nome tal aspecto, criando assim uma forma de correlação do Espaço Amplo com o Espaço Restrito.

Ali, um corte na parede permite à luz penetrar, na condição de se submeter a restrições rigorosas, e um raio corta a obscuridade. As paredes, o pavimento e o teto interceptam, cada um deles, a luz que revela a sua presença e específica, ressaltando, refletida, de um para o outro, as complexas relações e dando assim vida ao espaço. A cada variação do ângulo de incidência da luz, a natureza das coisas e as suas relações recíprocas renovam-se, o espaço transformasse...A arquitetura deve conceber espaços cuja energia espiritual possa contribuir para libertar o homem das restrições da vida quotidiana, e a luz é que desperta a arquitetura para a vida e lhe molda o poder. (PAIVA, 2010 p. 74)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso arquitetônico sempre carrega como elemento substancial a limitação de todo e qualquer espaço, porém, com o passar dos tempos a associação entre o interior e o exterior passou por evoluções, revelando-se como uma dinâmica da criação do espaço. Hoje em dia a fachada de uma edificação já não mais limita o ambiente, mas estabelece relações entre o interno e o externo, transferindo seu significado de proteção para componentes de integração de espaços. Sabemos também que a revolução construtiva se correlaciona diretamente com mudança nas possibilidades arquitetônicas e na forma com que se concebe o espaço.

Dentro da arquitetura o espaço é quem toma papel de protagonista e quando se busca seu significado, as primeiras acepções que recorrem a mente é o do ambiente serrado e limitado através das dimensões de uma edificação. Desta forma, o autor Coelho Netto (1999) instiga de que não é possível ser compreendido através de um único conceito e que o mesmo deve se correlacionar diretamente com outras disciplinas, isto posto se é apresentado a qual o escritor intitula de eixos organizadores do sentido do espaço, trazendo à tona o aspecto do Espaço Amplo X Espaço Restrito. Sendo assim, ao se analisar a obra da Igreja da Luz, do arquiteto Tadao Ando nota-se que o mesmo, busca através da luz imergir o mundo desconhecido do Amplo dentro do espaço Restrito, ao se perambular pelos caminhos dispostos para se chegar a entrada aos poucos o expectador é distanciado do mundo externo, porem quando se adentra a Igreja da Luz a imersão do desconhecido toma conta do espaço.

REFERÊNCIAS

AUPING, Michael - **Tadao Ando Conversas com Michael Auping**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **A Construção do Sentido na Arquitetura**. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva. 1999.

DALCO, Francisco - **Tadao Ando, as obras, os textos e a crítica**. Lisboa: Editora Dinalivro. 2001.

DOURADO, Ana. **No Limite**. 2003. Dissertação (Licenciatura em Arquitetura) – dARQ - Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, Coimbra.

FURAYAMA, Masao. **Tadao Ando**. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2010.

GARCIA, Cynthia. Samurai do Concreto. **Casa Vogue**. Rio de Janeiro, ed 301, p. 120-124, set, 2010.

GERHARDT, T. E., SILVEIRA, D. T., **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JODIDIO, Philip. **Tadao Ando**. Londres: Taschen, 2004.

KROLL, Andrew. Clássicos da Arquitetura: Igreja da Luz / Tadao Ando. In: **Archdaily**, 2011. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/793152/classicos-da-arquitetura-igreja-da-luz-tadao-ando>> Acesso em: 15 de set de 2016.

LE CORBUSIER - **Le Corbusier et Pierre Jeanneret: 1910-1929**, Vol. 1. Zurich : Les Editions d'Architecture, 1995.

PAIVA, Rita F. M. de. **Luz e Sombra: A estética da Luz nas Igrejas de Sta. Maria e da Luz, de Siza e Ando**. 2010. Dissertação de Mestrado em Historia de Arte Contemporânea. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

PEREZ, Adelyn. AD Classics: Fallingwater House / Frank Lloyd Wright. In: **Archdaily**, 2010. Disponível em: < <http://www.archdaily.com/60022/ad-classics-fallingwater-frank-lloyd-wright> > Acesso em: 15 de set de 2016.

PFEIFFER, Bruce Brooks – **Frank Lloyd Wright**. Koln : Benedikt Taschen, 1994.

SOARES, Amílcar M. R. T., **Escalas de Intimidade: Relação Interior x Exterior na arquitetura da casa**. 2009. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura) – dARQ - Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, Coimbra.

ZABALBEASCOA, Anatxu. Obras Mestras de Bolsillio 3 : Paul Rudolph abre su casa. In: **EL PAÍS**, 2011. Disponível em: < <http://blogs.elpais.com/del-tirador-a-la-ciudad/2011/08/obras-maestras-de-bolsillo-3-paul-rudolph-abre-su-casa.html> > Acesso em: 15 de set de 2016.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes. 1996.